

O Cinema e a Encenação

Ivonete Pinto

O *Cinema e a Encenação*, publicação patrocinada pelo Ministério Francês da Cultura em 2006, só agora chega ao Brasil através da edição portuguesa importada pela Saraiva. Mesmo assim, talvez pelo apoio governamental recebido na origem, nos chega por um preço convidativo (R\$ 39,90), porque lançado em uma coleção pocket. Outros títulos da coleção são igualmente recomendáveis para quem estuda ou trabalha com audiovisual: *Análise do filme* (R\$ 41,90) e *Dicionário teórico e crítico do cinema* (R\$ 54,90).

O livro de Aumont dialoga com outro título publicado no Brasil, *Figuras Traçadas na Luz*, de David Bordwell (Papirus, 2008). O teórico americano, conhecido por sua contribuição ao radiografar a narrativa clássica hollywoodiana, é por sinal várias vezes citado por Aumont, deixando antever que ao menos na teoria do cinema França e Estados Unidos estão juntos.

Jacques Aumont inicia o livro afirmando que a encenação está em toda parte e, para demonstrar, cita o exemplo de um político francês, Giscard d'Estaing, quando anunciou sua saída da vida pública pela televisão. Ao final da transmissão, d'Estaing saiu de quadro pela esquerda, de costas para o público, enquanto a câmera – intencionalmente ou não, não se sabe – continuava ligada enquadrando uma cadeira vazia. Imagem cujo simbolismo é imediato e acessível a qualquer cidadão, Aumont chama a isto de **encenação**.

Do exemplo da TV, Aumont vai para o teatro, de onde tem origem a noção. A “cena” (a *skéné* dos gregos), o espaço específico aonde ocorre a ação. Para chegar ao cinema, Aumont atenta para o fato de que há uma “contradição” (ou duplicidade): “Por um lado a cena e sua organização, o teatro, a peça, os actores... (...) toda uma topografia, ou uma topologia do mundo da ficção (...), por outro uma ciência, uma arte, uma sensibilidade e, por que não, uma qualidade específica, que não estará apenas ligada ao êxito técnico” (p.10).

Aumont discute a encenação como valor estético específico do cinema – passando pela questão sempre polêmica de quem é o autor no cinema –, trazendo ilustrativamente imagens de filmes de Raoul Wash, Renoir, Imamura, Rivette, Bergman, Fritz Lang e Satyajit Ray (este grafado erroneamente na página 70 como “Tay”). Ele parte destes ícones para chegar, digamos, na encenação menos clássica do americano Abel Ferrara, e discute, por fim, a noção de encenação ligada ao vídeo. Tudo numa linguagem simples, calcada numa estrutura didática que facilita a vida de professores e alunos.

Vale lembrar que o termo utilizado para encenação, no original francês, é *mise-en-scène*, de difícil tradução para o português porque pressupõe a direção e também a disposição do que aparece em cena, de personagens a objetos. Encenação, sem dúvida, é o que mais se aproxima da abrangência que a expressão propõe. 📺

O Cinema e a Encenação

Jacques Aumont

Trad.: Pedro Elói Duarte

Ed. Textos e Grafia, Lisboa, 2011

Coleção Saraiva

